

# Monocromia

*Gláucia Lidiane da Silva*

09

Sonhei com o dia de hoje desde o primeiro dia em que pisei na UFRN, no CB, no curso de Ciências Biológicas, e acredite, nenhum dos cenários que meu subconsciente imaginou para o dia de hoje sequer chegaram perto da realidade. Sério, eu imaginava que faríamos alguma festinha com coxinha – é claro – regada a muitas lágrimas. Essa era minha única certeza: iria chorar muito. Bom, podemos começar com uma coisa que planejei desde o Estágio Supervisionado I e acabou dando certo, mas foi por pouco: fazer todos os estágios na mesma escola. Gosto muito do Antônio Pinto, para ser formal: Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros, localizada na Cidade Satélite, zona sul de Natal, quinze minutinhos da minha casa se eu andar com calma, 8-10 minutos se andar rápido.

O pátio da escola é enorme, natural, vivo, tem uns bancos de cimento que te lembram estar numa praça arborizada, sabe? Além das mesas com tabuleiros de xadrez pintados, sempre quis jogar com algum aluno, mas não deu tempo. Cada turno tem uma equipe de coordenação, é uma escola que te abraça ao mesmo tempo que é funcional e muito organizada. A decoração é feita pelos próprios alunos, resultados dos trabalhos da disciplina de artes, eu costumava analisar cada pintura ao longo do corredor enquanto dava o tempo de assumir a regência. A escola também tem muitas plantas, de ervas prostradas, arbustos a árvores, analisei uma por uma em estágios anteriores... acho que contei umas três asteráceas e duas apocináceas no pátio, tem uma *Plumeria pudica* bem escondidinha atrás da cozinha. Brincadeiras à parte, dois anos estagiando na mesma escola não são dois dias ou dois semestres, é metade

do curso. Falar sobre isso é falar sobre a primeira pessoa que abraçou a caloura de biologia sonhadora que ao mesmo tempo tentava manter os pés no chão: a minha supervisora. Em termos de supervisor de estágio eu dei muita, mas muita sorte ao ter meu caminho conectado com ela, não esperava me dar tão bem com um supervisor porque tinha medo das coisas darem errado. Nós sempre conversamos muito, o diálogo sincero é uma característica forte da nossa relação, conversávamos sobre a turma, sobre a experiência do estágio, sobre a educação brasileira, sobre a escola, ela sempre foi muito aberta sobre a realidade do que vivíamos. Aprendi com ela ao ponto de que sinto como se ela tivesse tido uma disciplina de educação só para ela que pode não estar incrustada no meu histórico escolar, mas sem dúvidas está incrustada na minha vida. Ela confiava e acreditava demais em mim, e isso no início foi um pouco estranho. Discutimos sobre as ideias, o que podia ser feito, e nesse estágio para o ensino médio não foi diferente, conversamos muito, a diferença é que estávamos – todos – limitados devido a situação vivida pelo mundo e refletida nos nossos espaços e vivências.

Pegamos o segundo ano do ensino médio, uma turma unificada para o formato remoto, pois nas aulas via *Google Meet* havia a participação dos 4 segundos anos (A – D), ou seja, se cada turma tem uns 40 alunos, o público esperado era 150 alunos aproximadamente, mas só tivemos a participação de 50, às vezes esse número oscilava. Calendário apertadíssimo, aulas reduzidas ao máximo. O que eram quatro horários de biologia na semana viraram dois. Tínhamos dois horários síncronos e dois assíncronos.

Entramos no finalzinho do reino fungi para começar o reino plantae. O que eu estranhei, pois não estava acreditando na minha sorte: eu? Botânica? Estou sonhando? A professora se animou também, ela sabia que eu iria gostar.

Minha relação com os alunos ficou difícil de ser quantificada dessa vez, ou analisada, será que eu posso medi-la por comentários positivos e por risadas? Queria poder medir em sensações, mas se no presencial é difícil medir por sensações, avalie no ensino remoto. Posso chamar de positiva, me senti bem com eles, eles aparentaram se sentir bem comigo, rimos e nos divertimos. Ah, não posso esquecer de incluir o Picasso, é claro. Ele foi um dos alunos mais interessantes que já tive até hoje, um galo de 3 anos. Ele soltava uns assobios e uns cantos toda vez que um dos alunos ligava o microfone para rir ou comentar algo. Picasso foi um ótimo “aluno”, até lugar na lista de presença ele tinha. A turma parecia gostar quando eu dizia “Pablo, por favor...” sabe aquilo de chamar pelo nome completo quando você chama atenção de alguém? Se ele continuasse, já era, porque iríamos enveredar história da arte espanhola e se fôssemos por esse caminho, adeus botânica, né? O horário já estava curto...

Já que estamos falando um pouco de arte espanhola, por que não misturar com planta? O Picasso *Homo sapiens* costumava utilizar uma paleta muito expressiva quantitativamente de cores, vibrantes e diferentes, eu não curto muito a técnica dele não, mas respeito a arte revolucionária que ele teve além e que levou o nome de Málaga (sul da Espanha) para o mundo: em 90% do tempo e de suas obras, Picasso dominou muito bem a policromia. A maioria de

nós também a domina, mas em sentido imaterial.

Policromia significa o estado de presença de várias cores diferentes num sistema. Muitas cores. Muitas cores em um quadro. Muitas cores em um momento. Muitas cores para pintar sua vida. E tudo bem utilizarmos muitas cores prontas para pintarmos nossos momentos, não é desonra nem comodismo, é simplesmente simples. A real é que a vida nos tirou a paleta de cores policromática que pintamos nossa vida em março de 2020. E agora? O que fazer? Eu costumo me dizer que o pintor que se vira bem com poucas cores, se vira com qualquer quantidade. O que fazer com poucas cores? Temos algumas opções: uns surtam, outros tentam criar outras nuances a partir das poucas que possuem, outros não conseguem tirar tais nuances das cores primárias, lhes restando uma quantidade ínfima de cores para pintar. Tem momentos da nossa vida que a gente só tem uma única cor disponível para pintar um quadro, como quando o Picasso pintou uma das minhas obras favoritas dele, Guernica, da época da guerra civil espanhola, que é um ponto fora de curva na carreira dele pela ambientação da escala de cinza se comparada a sei lá, *Les Femmes d'Alger*? Uma obra monocromática X uma obra policromática. *Guernica* nos conta algo muito importante além do contexto da obra: pintar com uma única cor não é demérito, não é determinante de insucesso, não significa que aquilo que você se propôs a fazer não vai produzir frutos só porque não está colorido. Quantidade nem sempre é qualidade, mas a qualidade sempre produz quantidade de sentimentos resultantes. Se a monocromia - uma única cor,

ou uma escala de comprimento de onda de uma mesma cor (azul claro, escuro, safira, marinho, prussiano, etc.) fosse um problema, Van Gogh estaria ferrado, você não acha? Imagine aí “Noite Estrelada”: duas escalas monocromáticas: azul e amarelo. Imagine aí “Girassóis”: escala amarela. Fora todas as outras obras que a gente sabe que ele curtiá enfiar um amarelinho no meio. Percebe onde quero chegar? Se já tínhamos poucas cores para pintar o quadro desse momento - último semestre do curso -, o estágio nos tirou mais algumas cores devido a redução das aulas, cargas horárias, imprevistos, tudo no meio inconstante e imprevisível da pandemia. Isso pode soar muito ruim a depender do receptor, mesmo assim: tudo bem. O “lance” é o que vem depois. Eu escolhi usar o pouco de cores que tinha e pintar mesmo assim, porque desde estágio três me ensinaram que tudo bem pintar na escala de cinza, de azul, ou de amarelo, tudo bem eu precisar escolher uma única cor: eu daria conta, com paciência, diplomacia, cuidado, amor e diálogo. Eu acreditei em quem me ensinou. Acreditei nesse estágio também: que eu poderia tirar um excelente quadro de uma escala de contrastes antes ditos negativos. Às vezes a gente não consegue, mas eu sinto que dessa vez consegui.

Falando propriamente de botânica, por exemplo, que foi o nosso foco ao longo da regência, um tópico delicado que não agrada nem os alunos da biologia, avalie os da escola. As próprias metodologias de ensino da botânica no ensino presencial já estavam engessadas, era sempre a mesma coisa, um blábláblá chato de montar exsicata e desenhar. Olhe que eu amo montar exsicata e desenhar, mas cara? Eu sei

que nós temos capacidade de ir além, de sair do comodismo que o próprio ensino da botânica se encontra. Nesse estágio eu subi alguns degraus em relação a isso: como estimular os alunos com algo que só pela vocalização do nome já os desestimula? Presencialmente? Como estimular de forma remota o que nem presencialmente estávamos conseguindo? É aqui o grande segredo que se esconde atrás de você aceitar precisar pintar com uma única cor: ela abre seus sentidos, cabeça, percepções e sensações para o que você não está vendo. É como se eu tivesse ludibriada com as cores que não via o resto. A ausência do espectro de cores nesse estágio me permitiu enxergar o além que eu tanto buscava e não conseguia encontrar.

Desenvolvemos recursos didáticos simples e eficazes ao longo deste estágio - Família Botânica – um compilado de *stories* do *Instagram* que reúne informações sobre as principais famílias botânicas do Rio Grande do Norte, que eu jamais teria considerado como um recurso se não tivessem me tirado as exsicatas. Eu jamais teria pensado em usar vídeos de Taylor Swift como recurso didático, seja ela correndo no meio do mato, abraçando árvores, dançando embaixo de árvores ou tocando um piano cheio de musgos, se não tivessem me tirado o tempo. Eu jamais teria inventado uma versão botânica do programa Casos de Família, com direito até a tema, viu? “Me meto na sua vida porque me dá prazer”, tudo isso para estimular um bate papo com a galera sobre os problemas de classificação taxonômica relacionados aos grandes grupos de plantas... não teríamos tido isso se não tivessem me tirado os desenhos em papel. Em hipótese alguma teria colocado a cara

de Rodrigo Faro numa montagem na aula de Flores e Frutos com “Vai dar namoro... botânico” se não tivessem me tirado o cortar uma fruta em sala de aula. E olhe que foram os momentos na qual os alunos ligavam o microfone só para rir.

Nós perdemos ganhando, de certa forma. Perdemos algumas coisas, mas outras novas se revelaram. Porque é assim que a monocromia se comporta, ninguém dá muita coisa por uma única cor. Mas eu dou. Sabe por que? Porque era tudo o que eu tinha, e eu faço o que posso com os recursos que tenho. Sem contar com a flexibilidade, compaixão, a criatividade que foi prensada como relatei anteriormente, diálogo preciso e objetivo, se revistar para conhecer, entender e respeitar seus limites e o do próximo. Rir e chorar, pois chorar é tão importante quanto rir, precisamos dar nome aos nossos sentimentos - bons e ruins - para que eles não nos consumam. Os nossos sentimentos que não nos fazem bem se alimentam da escuridão que nós mesmos os colocamos e isso só sufoca, só dilacera... diversão, irmã do rir, né? Se não for para se divertir eu nem vou, nem me chame. Isso me leva a uma das coisas mais legais que aprendi nesse último estágio, no meu último momento de UFRN: a importância do 3º pilar da palavra “não”. A gente costuma dizer que temos: 1. Saber dizer não; 2. Saber aceitar um não. Mas a gente esquece da importância de saber se dizer não. Eu me disse não nesse estágio, lá no início, quando não acreditei na minha razão ao ficar com um supervisor não compatível, minha razão disse para ficar pois teria muitos problemas com uma troca. Olha, é muito difícil eu não

ir pela minha razão, mas eu dei um chute bem voadora na minha razão logo no estágio mais escorregadio, imprevisível e maluco. Se você quiser saber? Valeu a pena, eu faria tudo de novo. O que me leva a concluir que a educação, os estágios, o ensino, nada mais é do que uma grande tela em branco.

Isso me sugere que a graça do ser professor é justamente não saber como ser um. Sério, eu jurava de pé junto que sabia, mas saio da licenciatura em Ciências Biológicas sem fazer a menor ideia. Que bom que eu não faço. Assim eu pinto um quadro novo todo dia, com respingos de tinta aqui e ali, dos alunos, dos professores, da comunidade, família, amigos, amores e até de Tango (meu cachorro), ele ama uma bagunça mesmo. Não pretendo parar de pintar. A quantidade de cores não me importa mais, me sinto pronta para pintar com uma, duas, três, cem cores. Eu topo o que vier. Estar nessa universidade, nesses estágios - presencial ou remoto - me ensinaram isso. Afinal, quanto mais quadros, maior a galeria, né? Maior a lembrança e o vestígio. Obrigada também a minha professora de estágio supervisionado para o ensino médio, por me ajudar com algumas pinceladas e teorias de como fazer quadros legais usando escalas de cinza, acredite, vou usar sempre que precisar.

Esse é o último parágrafo que escrevo como aluna da licenciatura em Ciências Biológicas depois de 5 anos de curso. Não sou boa com despedidas, tento sempre me lembrar que essa não é uma, afinal: últimos dias não existem, a gente só troca de espaço- tempo.